

pouco da situação dos povos da provincia. São pequenos motins, levantamentos de populações, greves rurais, toques de sinos a rebate, uma longa serie de incidentes, emfim, que só não podem preocupar os espiritos superficiais, os que, encontrando-se pessoalmente em situação desafogada, a vida do seu vizinho ou semelhante nada importa para elles...

«... A carestia da vida tem que ser atacada nas suas bases, nos seus alicerces mais fundos; mas isto não é empresa para efeitos immediatos e instantaneos.

«O grito de fome ecôa por todo o país, É urgente fazer calar essas bocas, dando lhes pão. Como? Sem dúvida, indo buscar os mantimentos onde os houver, fornecendo-lhos em preços accessiveis.

«Ha generos no país? Alguns ha em quantidades suficientes; outros até em excesso e outros que realmente não bastam para as necessidades.

«... É, acaso, admissivel que, quando ha fome, quando o povo trabalhador não tem salarios que cheguem, em parte minima sequer, para os alimentos mais indispensaveis, certas criaturas se locupletem á custa do pobre? Que poderia resultar se continuasse semelhante estado de coisas?

«Certamente acontecimentos desagradaveis para todos, e, em primeiro lugar, para êsses detentores ou açambarcadores. Ninguem tem o direito, ninguem, de, aproveitando-se de circunstancias anormais e calamitosas, pretender, numa avidéz repugnante, aumentar os seus copiosos haveres á custa de lagrimas, sacrificios e amarguras dos desgraçados que tem de ganhar de dia para comê-lo á noite. Já que do negocio os negociantes baniram o sentimento de solidariedade humana e de altruismo, reduzindo ao justo os seus lucros desmedidos, haveria todo o direito de lhes arrancar, pela força, se tanto fôsse preciso, o que elles não querem oferecer

para satisfação das necessidades gerais.»

Estas palavras são do artigo de fundo do *Seculo*, de 4 de Fevereiro. Pareceram-me de um sabor magnifico para as deixar sem arquivo. Por isso aqui ficam a abrir a secção, de que o amigo Hilario, em má hora, me fez carga.

### A proposito da guerra

Para que o trabalho — escreve Bertoni no *Réveil* — não tenha de suportar durante longos anos a divida formidavel da guerra, onde irá elle buscar a riqueza, não só para se desembaraçar dessa divida, mas para ter uma compensação — que bem merecida é! — do enorme dispendio de vidas e de energias em que se viu forçado a consentir? A grande questão que desde já se deve apresentar ás multidões, que todos os revolucionarios devem levantar e agitar no meio dos deserdados, é a de uma expropriação em proporção precisamente com as riquezas gastas pelo militarismo em acção. A burguezia francesa de 1789, não querendo deixar-se esmagar pela bancarrota financeira do antigo regime, chegou a declarar bens nacionais os bens do clero e procedeu a uma vasta expropriação. Com que bens vamos nós realizar os «bens comuns» prometidos aos defensores das patrias? Que propriedade vamos nós declarar comum? Como preparar as vias e os meios para a nossa expropriação?

### Questões de organização

Parece que vamos ter em opposição brava os agrupamentos de ideias e os agrupamentos de interesses. Um jornal que tenho diante, partidario exclusivista dos agrupamentos da primeira destas especies, arremessa aos partidarios dos da segunda especie, grossos dardos como os que vão ver-se: — «Para bem comprehender o seu interesse, é necessario que cada um tenha a ideia dêle um pouco exacta. Os interesses guiam o mundo, mas só os interesses de que os «interessados» estão conscientes». E se a questão se discutisse não no sentido de fazer vingar uma certa solução, mas no de a esclarecer?